

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**  
**INSTITUTO DE LETRAS**

**PALOMA PETRY**

**ANÁLISE DE ENTREVISTAS SOCIOLINGUÍSTICAS DO PROJETO VARSUL  
PARA IDENTIFICAÇÃO DE FUNÇÕES PRAGMÁTICAS EM ENUNCIADOS COM  
DUPLA NEGAÇÃO EM PORTO ALEGRE, RS**

**PORTO ALEGRE**

**2017**

PALOMA PETRY

**ANÁLISE DE ENTREVISTAS SOCIOLINGÜÍSTICAS DO PROJETO VARSUL PARA  
IDENTIFICAÇÃO DE FUNÇÕES PRAGMÁTICAS EM ENUNCIADOS COM  
DUPLA NEGAÇÃO EM PORTO ALEGRE, RS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharelado em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Marcos Goldnadel

PORTO ALEGRE

2017

## AGRADECIMENTOS

Começo agradecendo àqueles que me proporcionaram a oportunidade de estar onde estou hoje: minha mãe, meu pai e minha avó, Haidé. Devo tudo o que sou, o que me tornei a vocês. Obrigada por toda a compreensão e apoio, nos momentos bons e ruins pelos quais passei até chegar aqui.

Agradeço a todos os professores com os quais tive contato ao longo da minha breve vida acadêmica, em especial ao professor Gabriel Othero, cujo intermédio foi essencial para que o meu interesse por linguística afluísse.

Meu muito obrigada aos meus amigos e colegas por todo o suporte que me deram ao longo desses quatro anos e meio de graduação, em especial à Raquel, à Laura, ao Eduardo e ao Henrique por toda ajuda que me proporcionaram e pelas longas discussões que me propuseram, essenciais para o desenvolvimento do espírito investigativo, cujo resultado mais importante é esta monografia.

Por fim, gostaria de expressar minha mais sincera gratidão ao meu orientador, Marcos Goldnadel, por todo conhecimento que compartilhou comigo; pela paciência e compreensão que teve e por sempre me incentivar ao longo desses três anos que estive trabalhando ao seu lado, em especial ao longo do último semestre. Obrigada por acreditar no meu potencial, sem a sua ajuda e apoio essa monografia não seria possível.

## RESUMO

No português brasileiro existem três tipos de negação: negação pré-verbal (Eu não quero), dupla negação (Eu não quero não) e negação pós-verbal (Quero não). A dupla negação, apesar de utilizar mais de um operador de negação sentencial, expressa uma única operação de negação. Em algumas regiões do país, como o nordeste, a dupla negação e a negação pós-verbal já são populares em meio aos falantes. No entanto, ao longo da década de 90, entrevistas sociolinguísticas foram realizadas na região sul pelo Projeto VARSUL e, ao serem analisadas, acabaram por mostrar que o número de ocorrências de dupla negação parece ser bem mais modesto que o das outras regiões. Essa forma alternativa de negação vem gerando muitos debates relacionados à causa de seu surgimento no campo da Pragmática. A dupla negação pode ser explicada por diversas funções pragmáticas, como ativação, denegação, preservação da face, pausa temática e retorno a tópico quantitativo. Essas funções são mais facilmente observáveis nos estágios iniciais de utilização da dupla negação, quando os índices de uso ainda são baixos, como é o caso da região sul na década de 90. Dessa forma, as entrevistas sociolinguísticas do VARSUL parecem constituir um acervo de dados que registra um momento inicial de utilização da estratégia de dupla negação por uma comunidade de falantes. Este trabalho avalia a função pragmática de enunciados de dupla negação encontrados em 12 entrevistas sociolinguísticas da cidade de Porto Alegre, pertencentes ao acervo do Projeto VARSUL. Os resultados revelam a predominância do uso de enunciados de dupla negação para a expressão de conteúdo ativado no discurso, a fim de satisfazer duas das funções pragmáticas anteriormente mencionadas: denegação e retorno a tópico. Esse estudo tem a intenção de contribuir para a compreensão acerca das motivações para os fenômenos de variação e mudança linguística no campo da negação sentencial e colaborar com a descrição do português brasileiro, contribuindo para o debate sobre a expressão formal da negação na região sul do Brasil.

**PALAVRAS-CHAVE:** dupla negação; função pragmática; negação sentencial; tópico quantitativo.

## ABSTRACT

In Brazilian Portuguese there are three forms of negation: pre-verbal negation (“eu não quero”), double negation (“eu não quero não”), and post-verbal negation (“quero não”). Even though double negation uses more than one sentential negation operator, it expresses only one negation operation. In some regions of Brazil, such as the Northeast, double negation and post-verbal negation are already popular among speakers. Nevertheless, throughout the 90’s, sociolinguistic interviews were performed in the Southern region by Project VARSUL and, after being analyzed, they showed that the number of double negation occurrences seems to be low when compared to other regions. This alternative form of negation has been arising many debates in the Pragmatics field related to the cause for its emergence. Double negation can be explained by many pragmatic functions, such as denegation, thematic pause, return to quantitative topic, among others. These functions are easier to observe in the early stages of double negation use, when its usage indexes are still low, such as in the Southern region during the 90’s. Thus, VARSUL’s sociolinguistic interviews seem to constitute a database that registers an initial moment of the use of double negation strategy of a speakers’ community. This paper surveys the pragmatic functions in double negation sentences found in 12 sociolinguistic interviews from Porto Alegre, which belong to Project VARSUL’s database. The results show the predominance of sentences with double negation use to express activated content in the discourse, aiming to satisfy two of the pragmatic functions previously mentioned: denegation and return to quantitative topic. This study aims to contribute for the comprehension regarding the motivations for linguistic change and variation phenomena in the sentential negation field and cooperate with the Brazilian Portuguese description, contributing for the debate on negation’s formal expression in the Southern region of Brazil.

**KEYWORDS:** double negation; pragmatic function; sentential negation; quantitative topic.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	7
<b>1 AS FUNÇÕES PRAGMÁTICAS</b> .....	10
1. 1 ATIVAÇÃO .....	10
1. 2 DENEGAÇÃO .....	12
1. 3 PAUSA TEMÁTICA .....	15
<b>2 TÓPICO-COMENTÁRIO E AS FUNÇÕES PRAGMÁTICAS DE RETORNO A TÓPICO QUANTITATIVO E SATISFAÇÃO IMEDIATA DE TÓPICO QUANTITATIVO</b> .....	17
2. 1 FUNÇÃO PRAGMÁTICA DE RETORNO A TÓPICO QUANTITATIVO .....	18
2. 2 FUNÇÃO PRAGMÁTICA DE SATISFAÇÃO IMEDIATA DE TÓPICO QUANTITATIVO .....	20
<b>3 METODOLOGIA</b> .....	22
<b>4 ANÁLISE DOS RESULTADOS</b> .....	24
4.1 DENEGAÇÃO EM ENUNCIADOS DE DUPLA NEGAÇÃO .....	25
4. 2 RETORNO A TÓPICO QUANTITATIVO EM ENUNCIADOS DE DUPLA NEGAÇÃO .....	26
4. 3 FUNÇÃO DUPLA DE DENEGAÇÃO E RETORNO A TÓPICO QUANTITATIVO EM ENUNCIADOS DE DUPLA NEGAÇÃO .....	29
4. 4 PAUSA TEMÁTICA EM ENUNCIADOS DE DUPLA NEGAÇÃO .....	30
4. 5 SATISFAÇÃO IMEDIATA DE TÓPICO QUANTITATIVO EM ENUNCIADOS DE DUPLA NEGAÇÃO ..	31
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	33
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	34

## INTRODUÇÃO

Na linguística, o fenômeno da negação tem papel de destaque. Muitos autores dedicam-se ao estudo das diferentes formas da negação e à variação que estas sofrem. Existem três formas de negação: a negação lexical, que opera sobre itens lexicais e costuma caracterizar-se por prefixos como in-, a-, des-, etc; a negação de constituinte, cujo papel é negar o constituinte sintagmático que a sucede; e a negação sentencial, que afeta a proposição expressa pela oração (LIMA, 2010).

Atualmente, no português brasileiro (PB), existem três tipos de negação sentencial, que são:

1. NEG 1: Eu não quero (negação pré-verbal);
2. NEG 2: Eu não quero não (dupla negação); e
3. NEG 3: Quero não (negação pós-verbal).

A variação da negação sentencial vem sendo tema de diversas pesquisas em quase todas as áreas da linguística. Muitos autores já tentaram explicar suas motivações e/ou descrever o processo dessa variação. Dentre eles, Jespersen (1917) teve o maior destaque, descrevendo o processo de variação da negação como um ciclo.

O Ciclo de Jespersen (JC; cf. Jespersen 1917) descreve o desenvolvimento histórico da expressão de negação em várias línguas e se caracteriza por cinco estágios:

- Estágio I, em que há uma negação sentencial que ocorre de forma independente [negV];
- Estágio II, em que a negação sentencial inicial é opcionalmente e progressivamente mais frequente reforçada por um elemento particular [negV(neg)];
- Estágio III, em que o segundo elemento torna-se obrigatório [negVneg];
- Estágio IV, em que o elemento inicial pode se tornar opcional [(neg)Vneg];
- Estágio V, em que o segundo elemento assume o papel de obrigatório e se torna o único elemento de negação necessário [Vneg].

A motivação para a ocorrência do ciclo se dá quando, no estágio II, devido ao uso do elemento reforçador, passa a haver um enfraquecimento fonético e/ou semântico da negação pré-verbal por causa desse segundo elemento. Um exemplo clássico do desenvolvimento

desse ciclo é o francês que, de acordo com Larrivé (2010), já começa a usar formas alternativas de negação no século XIII. Os estágios no francês podemos ver a seguir:

- (1) Je ne dis;
- (2) Je ne dis (*pas<sub>enf</sub>*);
- (3) Je ne dis (*pas*);
- (4) Je ne dis pas;
- (5) Je (ne) dis pas.

Em (2), o elemento *pas*, que significa literalmente “passo” em português, foi adicionado para reforçar alguns enunciados com verbos que passavam a ideia de movimento. Em (3), no entanto, apesar de esse elemento de reforço ainda ser opcional, passa a ser usado com todos os tipos de verbo, perdendo a limitação anterior dos verbos de movimento. Em (4) o uso passa a ser obrigatório, ou seja, inicia-se o estágio III do ciclo de Jespersen. Atualmente no francês falado, a negação está no estágio IV, como vemos exemplificado em (5).

No entanto, nem todas as línguas passam por este processo com as mesmas características. Dentre alguns exemplos, o Português Brasileiro e o Africâner podem ser mencionados. Biberauer (2009) argumenta que, ainda que essas duas línguas pareçam estar passando pelo Ciclo de Jespersen, isso não significa necessariamente que elas evoluam pelo formato tradicional de desenvolvimento desse ciclo. Além de ambas apresentarem ocorrências de formas de negação que podem ser tomadas como características de dois estágios distintos (estágios II e IV), já que apresentam três tipos de negação e todas elas são usadas sincronicamente, ainda há outras características que diferem essas línguas de línguas que evoluem tradicionalmente de acordo com o Ciclo de Jespersen, como o francês. Algumas dessas características discrepantes do ciclo são: a repetição do mesmo elemento de negação na posição pré-verbal e pós-verbal que, no caso do PB, caracteriza-se pelo advérbio de negação “não”, como em “eu não quero não”; e a posição ao final da oração, com o segundo elemento de negação aparecendo não somente após o verbo, mas também dos outros constituintes sentenciais (objeto e adjuntos).

Linguistas como Roncarati (1996), Furtado da Cunha (2001, 2007), Biberauer (2009), entre outros, vêm trazendo a dupla negação e a negação pós-verbal para o foco de discussões, principalmente na área da pragmática, através do estudo da variação da negação sentencial nas regiões do nordeste e sudeste do Brasil, onde seu uso é relativamente frequente.



Essa monografia estuda a variação da negação sentencial do PB do sul do Brasil e foca na identificação de funções pragmáticas para explicar o uso da NEG 2 nessa região. O trabalho está dividido da seguinte maneira. No capítulo 1, serão explicadas e exemplificadas algumas das funções pragmáticas que foram identificadas no corpus estudado; no capítulo 2, será discutida a teoria de Kuppevelt de tópico-comentário e sua relação com a função pragmática de retorno a tópico quantitativo, desenvolvida por Goldnadel (2016); no capítulo 3, é explicado em detalhes o corpus usado para esse estudo e a metodologia aplicada; no capítulo 4, alguns casos de NEG 2 são analisados detalhadamente; e, por fim, são apresentadas as considerações finais.

## 1 AS FUNÇÕES PRAGMÁTICAS

Como mencionado anteriormente, muitos autores atualmente, dentre eles Biberauer (2009), Furtado da Cunha (2001, 2007), Schwenter (2005), Roncarati (1996), Seixas e Alckmin (2013) e Goldnadel (2016), tentam explicar as motivações pragmáticas para o surgimento e uso de formas de negação alternativas no PB. Neste capítulo serão apresentadas as hipóteses identificadas nas análises do corpus desta monografia.

### 1.1 ATIVAÇÃO

Como visto na Introdução, o PB conta com três estratégias de negação:

1. NEG 1: Eu não quero.
2. NEG 2: Eu não quero não.
3. NEG 3: Quero não.

Schwenter (2005) explica que, apesar de não haver nenhuma diferença de sentido proposicional entre elas, podem existir condições pragmáticas que as limitam. Obviamente, a NEG 1 pode ser usada em qualquer contexto, considerando que é a negação canônica no PB. No entanto, NEG 2 e NEG 3 têm contextos mais específicos e limitados de uso, como mostra a tabela abaixo:

FORMA	Novo no discurso	Inferível	Diretamente ativado
NEG 1	OK	OK	OK
NEG 2	#	OK	OK
NEG 3	#	#	OK

Adaptado de Schwenter (2005)

Como podemos ver pela tabela, há três maneiras de uma negação aparecer no discurso: expressando conteúdo novo, conteúdo inferível e conteúdo diretamente ativado. Essas três formas de expressar conteúdo estão associadas às noções de status do discurso e status do falante de Prince (1992), que trata de estrutura informacional, e que Schwenter usa para explicar sua teoria sobre ativação.

No modelo de Prince (*apud* SCHWENTER, 2005) temos um status informacional que engloba dois outros tipos de status: do discurso e do falante. Além disso, existem valores para cada um desses status: novo e velho. Dessa forma, temos quatro tipos de status informacional:

1. novo no discurso, velho para o falante;
2. novo no discurso, novo para o falante;
3. velho no discurso, velho para o falante; e
4. velho no discurso, novo para o falante.

Schwenter (2005) relaciona esses conceitos ao uso de NEG 2 e NEG 3, explicando que essas negações não canônicas no PB estão relacionadas ao status do discurso e, mais especificamente, que elas devem ter o valor de “velho”. Isso se dá devido ao próprio conceito de ativação de Schwenter, que está inserido no conceito de discurso velho de Prince (*apud* SCHWENTER, 2005), i.e., tudo que é considerado “velho” no discurso está ativado no discurso. O conteúdo está ativado no discurso (é velho no discurso) se é inferível de forma linguística ou extralinguística ou se está ativado diretamente, ou seja, se é propriamente dito.

Como vimos na tabela anterior, a NEG 1 não precisa estar ativada no discurso para ser usada, mas a NEG 2 e a NEG 3, sim. Enquanto a NEG 3 só pode ser usada em contextos diretamente ativados, a NEG 2 pode também ser usada em contextos em que o conteúdo está inferido.

Para exemplificar o contexto de uso da NEG 2, Schwenter (2005) propõe uma situação em que o marido e a esposa esperam que o encanador vá consertar a torneira que está pingando enquanto eles estão trabalhando. Ao chegar em casa antes da esposa, o marido vê que o encanador não apareceu, pois a torneira continua pingando. Quando a esposa chega do trabalho um tempo depois, com a expectativa prévia de que o encanador teria vindo e arrumado a torneira, o marido pode quebrar essa expectativa dizendo “O encanador não veio”, mas não pode dizer “O encanador não veio, não.” No entanto, se a esposa chegasse e fizesse a pergunta: “O encanador veio?” antes que o marido declarasse qualquer coisa relacionada ao assunto, então a resposta com o uso da NEG 2 (“O encanador/ele não veio, não”) seria aceitável. Isso se explica porque, na primeira situação, a declaração do marido é conteúdo novo no discurso, pois ainda que já houvesse o contexto da vinda do encanador, a informação de que ele não aparecera é nova. No entanto, na segunda situação, a declaração do marido é conteúdo velho no discurso, pois a esposa introduziu o conteúdo através de sua pergunta.

## 1.2 DENEGAÇÃO

Ainda que possa parecer que a denegação é o simples ato de usar o advérbio de negação, este não é o caso. Sob a perspectiva de Kamp & Reyle (1993), a denegação é um ato de fala caracterizado pela rejeição do que o interlocutor apresenta como correto ou possivelmente correto. Além disso, Givón (1996), quando refere-se à denegação, vai além do que Kamp & Reyle (1993) declaram, afirmando que uma sentença negativa pode contradizer aquilo que o próprio falante afirma ou alude em algum momento anterior no discurso. O autor sugere ainda que o conteúdo da denegação não precisa necessariamente opor-se a algo expresso de forma literal, como ele afirma na seguinte passagem: “Uma declaração negativa é de fato feita sob uma suposição tácita de que o ouvinte ouviu falar, acredita, provavelmente tomará como certa ou pelo menos é familiar com a proposição afirmativa correspondente.” (GIVÓN, 1993, p. 189)<sup>1</sup>.

Existem quatro tipos de denegação:

1. Denegação de conteúdo explícito em um enunciado anterior proferido pelo interlocutor;
2. Denegação de conteúdo implícito em um enunciado anterior proferido pelo interlocutor;
3. Denegação de conteúdo explícito a partir da consideração de enunciados anteriores proferidos pelo próprio falante; e
4. Denegação de conteúdo implícito a partir da consideração de enunciados anteriores proferidos pelo próprio falante.

No âmbito das motivações para o uso da dupla negação, a denegação desempenha um papel importante. De fato, a dupla negação, como analisado por Seixas e Alckmin (2013), é muito usada para expressar denegação, ou seja, pode estar associado ao ato de contradizer ou recusar uma crença do interlocutor ou mesmo do próprio falante de forma implícita ou explícita. Veremos ainda que muitas vezes a denegação é usada para denegar uma crença do falante com relação a uma suposta crença do interlocutor.

A seguir, vejamos cada um dos quatro tipos de denegação usados em enunciados com dupla negação. Os trechos abaixo foram retirados de entrevistas do VARSUL para exemplificar os tipos de denegação no contexto da dupla negação. No primeiro exemplo, a

---

<sup>1</sup> Esta afirmação refere-se a declarações negativas de maneira geral, não é restrita à função pragmática de denegação.

<sup>2</sup> O conceito inicial de pausa temática é dado em Givón (1983) sob o termo *temporal pause*.

<sup>3</sup> A análise de Curitiba já conta com um artigo pronto no prelo (GOLDNADEL; PETRY, no prelo), e a análise

proposição em negrito é uma dupla negação com valor denegativo que contradiz o conteúdo explícito de um enunciado anterior proferido pelo interlocutor, que está sublinhado.

(6) F: E o pai veio lá dos Açores.

I: Dos Açores.

E: Faz tempo, né? Que a família veio.

F: Ela levantou até quatrocentos anos, não foi?

I: Quem?

F: A Isa tirou o levantamento de quatrocentos anos atrás, né?

I: Não. **Não foi de quatrocentos, não.**

Em (6), o entrevistado está falando sobre sua árvore genealógica e ascendência. Junto com o falante e o entrevistador, há um interveniente que se junta à conversa e parece estar familiarizado com o tópico ao qual o falante está se referindo. Tanto é que, quando o falante sugere que a “Isa” fez o levantamento de quatrocentos anos da árvore genealógica, o interveniente é quem responde usando a dupla negação para denegar a crença do falante e mostrar que ele está errado.

Em (7), há a denegação de conteúdo implícito em um enunciado anterior proferido pelo interlocutor. No começo da conversa, o entrevistador diz que ele morou em um bairro onde o falante também morou durante um período de sua vida. Daquele momento em diante, o falante é encorajado a falar sobre elementos do bairro mencionado pelo entrevistador, que demonstra conhecimento prévio sobre aquele lugar. Assim, o falante espera que o entrevistador conheça todos os elementos os quais ele menciona. Quando o falante fala sobre um parque que o entrevistador não conhece, o último usa uma dupla negação para refutar a ideia de que o parque, assim como outros elementos mencionados previamente, existiam naquele bairro durante o período que ele morou lá.

(7) E: Deixa eu ver, que mais tem no bairro. Igreja ali no centro? Você vai muito?

F: A pracinha ali em cima, né? também.

E: Não conheço essa praça.

F: Tem uma pracinha ali em cima que eles fizeram. Era um...

E: **Não é do meu tempo não.**

No exemplo seguinte, há uma dupla negação que denega um conteúdo explícito a partir da consideração de enunciados anteriores proferidos pelo próprio falante. Esse exemplo é um diálogo em que o falante está mostrando um álbum de fotos ao entrevistador e tentando identificar as pessoas nas fotos.

(8) F: Ih! A praia sim. Isso aqui eu nem sei o que que é. Se é uma mulher se enforcando na árvore. O que que é?

E: Não, está com três crianças.

I: O que que está escrito aqui? A senhora quer trocar a letra!

F: Olhe como é que eu estou de cabeça baixa. Quer ver. Ah, mas essa aí é a Noeli Yada.

I: Que nome bobo é esse!

F: Não, **essa não é a Noeli, não**. Essa aí é a Dilma. Eu acho que é o telefone de alguém que eu peguei e pus aí atrás, tá! Essa aqui é uma sobrinha que já é morta. E essa, amiga dela.

E: Nossa! Que bonita que ela era.

Como podemos ver, no início o falante identifica alguém em uma das fotos como sendo a Noeli Yada. Então o falante percebe que ele identificou a pessoa errada e usa a dupla negação para se corrigir, rejeitando o conteúdo explícito a partir da consideração de enunciados anteriores proferidos pelo próprio falante. É importante notar que, dentre os quatro tipos de denegação, este terceiro é o mais difícil de ocorrer, pois normalmente implica na denegação da crença do próprio falante, enquanto que os outros tipos normalmente tratam de denegação da (possível) crença do interlocutor.

Em (9), o falante denega um conteúdo implícito a partir da consideração de enunciados anteriores proferidos por ele mesmo.

(9) E: E quem organizava essas peças?

F: Era o João de Deus, um rapazinho que é casado com a filha do Seu Altino Venze. Aí depois ele- Ele trabalha aqui, parece na Universidade também.

E: Continua trabalhando com teatro?

F: Não. Ele parou. Ele parou. Depois pegar aquela Carteira Fatal. **Essa eu não trabalhei, não**. Essa o meu cunhado trabalhou. Que trabalha muito bem também.

Em (9), por algum tempo eles estão falando sobre o falante ser ator em um grupo de teatro e ter trabalhado com o João de Deus. Quando o falante fala sobre como o João de Deus parou de atuar depois da “Carteira Fatal”, ele percebe que, como ele já tinha mencionado o fato de que trabalhou com o João de Deus, o entrevistador poderia inferir que ele tivesse trabalhado na “Carteira Fatal”, o que não era verdade. Assim, o falante usa uma dupla negação para denegar essa ideia, explicando que seu cunhado tinha feito parte do projeto.

### 1.3 PAUSA TEMÁTICA

Givón (cf. GIVÓN, 1983) apresenta a ideia de parágrafo temático, que é “o nível de discurso mais imediatamente relevante dentro do qual alguém pode começar a discutir o processo complexo de continuidade no discurso” (GIVÓN, 1983, pg. 7).

A continuidade discursiva é composta por três principais aspectos, que aparecem ou são mediados através do parágrafo temático. Essas três continuidades são:

1. Continuidade temática;
2. Continuidade de ação;
3. Continuidade tópica/de participante.

Esses três aspectos estão em uma hierarquia implicacional, de forma que:

Continuidade temática > continuidade de ação > continuidade tópica/de participante

Levando essa hierarquia em consideração, nós poderíamos ter um parágrafo temático formado por uma continuidade temática, que seria, por exemplo, um acidente. Nessa continuidade temática, nós poderíamos ter a continuidade de ação, que seria o que acontece nesse acidente. E, por fim, haveria a continuidade tópica/de participante, que seria o motivo principal que o falante tem para falar sobre aquilo. Assim, dentro do parágrafo temático, a continuidade tópica/de participante é o marcador de continuidade. “É o que torna o falante mais crucialmente envolvido em uma sequência de ação, mais proximamente associado com o tema de nível alto e mais provavelmente codificado como o tópico primário” (GIVÓN, 1983, pgs. 7 e 8).

No entanto, pode haver lacunas temporais – ou pausas – dentro do parágrafo temático. Elas muito certamente não irão afetar a continuidade tópica/de participante e dificilmente irão

afetar consideravelmente a continuidade temática, mas podem afetar (e na maior parte das vezes realmente o fazem) a continuidade de ação. Essas pausas ou lacunas temporais ocorrem entre uma ação e outra, e o motivo de ocorrerem é geralmente para fazer um comentário sobre uma das ações para melhor explicar o que vem a seguir. Elas não fazem parte da continuidade de ação e podem também não ser parte da continuidade temática, mas certamente fazem parte da continuidade tópica/de participante porque há um motivo para o falante estar fazendo essa pausa. Pausas temporais costumam sempre ter um motivo para aparecer no meio de um parágrafo temático<sup>2</sup>.

Furtado da Cunha define a pausa temática como “uma suspensão, interrupção ou digressão da cadeia tópica principal.” (2001, pg. 13). Ao usar a pausa temática, “o falante interrompe o tema ou tópico central da conversação, fazendo uma digressão que corresponde a uma pausa temática” (FURTADO DA CUNHA, 2001, pg. 12). Neste contexto específico, a dupla negação será usada para fazer pausas temporais no meio de um parágrafo temático.

Como exemplo de ocorrência de enunciado de dupla negação exercendo o papel de pausa temática, Furtado da Cunha (2001) apresenta (10), que corresponde a um trecho de entrevista de seu corpus levantado na cidade de Natal, Rio Grande do Norte, no nordeste do Brasil.

(10) ... [os meninos] ficaram muito assustado e voltaram pra casa...conseguiram sair de lá e voltaram pra casa num sei como ... como ... num sei como foi ... meu irmão disse que também **num entendeu não** como ... eles conseguiram voltar em casa e contaram lá ao pai dela né ... (Língua falada, 3o grau, p. 28)

Em (10), temos um falante narrando um filme que seu irmão lhe contou. Percebemos que o tópico são “os meninos”, marcado entre colchetes, e que o falante está contando uma sucessão de ações ocorridas com os participantes do seu discurso. Porém, em um dado momento, o falante desvia do tópico para falar do seu irmão. Esse enunciado, além de fugir da continuidade tópica do discurso, é ainda marcado pelo uso da dupla negação. Logo em seguida, o falante profere outro enunciado que retoma o tópico que fora momentaneamente abandonado. Vemos, neste trecho de discurso, um exemplo do uso da dupla negação para exercer a função pragmática de pausa temática.

---

<sup>2</sup> O conceito inicial de pausa temática é dado em Givón (1983) sob o termo pausa temporal.



## 2 TÓPICO-COMENTÁRIO E AS FUNÇÕES PRAGMÁTICAS DE RETORNO A TÓPICO QUANTITATIVO E SATISFAÇÃO IMEDIATA DE TÓPICO QUANTITATIVO

A função pragmática de retorno a tópico quantitativo foi elaborada por Goldnadel (2016) e deriva da teoria de Kuppevelt [cf. KUPPEVELT (1995a, 1995b, 1996)] sobre tópico-comentário. De acordo com Kuppevelt (1995a), o tópico é o que está sendo questionado, i.e., um conjunto de entidades discursivas das quais uma é escolhida como uma resposta para a questão, enquanto o comentário é fornecido por essa resposta e nomeia ou especifica a entidade questionada.

Dentro de um tópico existem comentários quantitativos e qualitativos. Um comentário é considerado quantitativo quando introduz informação nova e satisfatória ao tópico sentencial definido previamente por uma questão, satisfazendo-o. Existem comentários que são considerados quantitativos, mas cujas respostas são consideradas insatisfatórias. Existem duas razões para uma resposta ser considerada insatisfatória: ou ela é insuficiente, ou ela é discrepante. Nesses casos, para que o tópico seja finalizado, é necessário que subquestões sejam introduzidas no discurso para extrair mais informação dos (sub)comentários até que se obtenha uma resposta satisfatória que encerre o tópico. Essas subquestões podem ser tanto implícitas quanto explícitas, ou seja, o falante pode tanto antecipar que essas questões serão levantadas e por isso já as responde sem que elas sejam explicitadas, ou o interlocutor pode explicitá-las caso o falante não se dê conta de que seu comentário não foi satisfatório para o encerramento do tópico.

Diferentemente dos comentários quantitativos, os comentários qualitativos expressam a causa da opinião do falante, ou seja, o falante usa comentários qualitativos muitas vezes para justificar seu comentário quantitativo. Apesar de comentários qualitativos não oferecerem um novo valor por si próprios, o que significa que eles não fazem o discurso avançar, é importante notar que um comentário qualitativo não é um comentário quantitativo considerado insatisfatório, pois ele contribui para um valor dado, tornando esse valor mais específico e oferecendo-lhe suporte.

Além das noções de tópico-comentário quantitativo e qualitativo, outro elemento importante para essa dinâmica é o *feeder*, cujo papel é induzir questões que geram tópicos. Um *feeder* pode ser tanto linguístico, como uma frase avulsa, quanto extralinguístico, como um evento no qual pelo menos um dos participantes do discurso percebe (KUPPEVELT, 1995a, pg. 119).

Ainda, é preciso esclarecer que existe a possibilidade de uma questão ou resposta ter uma função dupla no desenvolvimento do discurso, que é a de tópico/comentário e *feeder* ao mesmo tempo. Esse fenômeno ocorre quando há uma digressão do tópico, e o elemento do discurso que desempenha essa função dupla dá origem à digressão. Isso se dá porque ao mesmo tempo que essa digressão faz parte do tópico anterior, ela também está instituindo um novo tópico no discurso, que pode ser temporário ou definitivo. Vejamos um exemplo, adaptado de Kuppevelt (1995a), para ilustrar as noções de tópico, subtópico, comentário e *feeder*:

(11) A: - É o aniversário do Harry semana que vem.

B: - O que eu poderia dar pro Harry de aniversário?

A: - Uma chave de fenda.

B: - Por quê?

A: - Porque ele recentemente pegou a minha emprestada.

Em (11), temos a frase inicial, que não está aparentemente relacionada a nenhum tópico. Essa frase inicial é o *feeder*, ou seja, é uma frase que instiga questões, ou seja, institui um tópico discursivo. Em seguida, temos a pergunta feita pelo interlocutor, que institui o tópico sentencial (presente adequado para dar ao Harry). A resposta a seguir é um comentário quantitativo insatisfatório, pois é considerada insuficiente. Por isso, o interlocutor realiza uma subquestão para tentar obter mais informação e, assim, satisfazer e finalizar o tópico sentencial. Por fim, o falante responde com um comentário quantitativo que responde tanto a subquestão (por que uma chave de fenda é um presente adequado para dar ao Harry) quanto o tópico sentencial mais alto (presente adequado para dar ao Harry).

## 2. 1 FUNÇÃO PRAGMÁTICA DE RETORNO A TÓPICO QUANTITATIVO

Considerando os conceitos apresentados até o momento, Goldnadel (2016) apresenta a função pragmática de retorno a tópico quantitativo para explicar um dos usos mais comuns da dupla negação no PB do sul do Brasil. A função de retorno a tópico quantitativo caracteriza-se pelo uso da dupla negação na posição de um comentário quantitativo, após uma série de comentários qualitativos feitos possivelmente para expressar a opinião do falante em relação a um comentário quantitativo feito em um momento anterior do discurso, para retornar ao tópico sentencial. Esse retorno pode ocorrer no meio ou no final de um turno. Em ambos os

casos, ele é usado como um lembrete para que o interlocutor não perca o ponto sobre o qual o falante está falando.

Como exemplo de um enunciado com função de retorno a tópico quantitativo, Goldnadel (2016) usa um trecho de uma entrevista sociolinguística realizada na cidade de Porto Alegre, Rio Grande do Sul, que faz parte do acervo do Projeto VARSUL.

(12) E: Tem problema de assalto?

F: Ah, isso tem em tudo que é lugar, né? Aqui é... Não sei, às vezes a minha filha que estuda de noite vem... sai vinte pras onze, ou dez e meia ela sai lá do colégio. Sobee às vezes onze horas aí. Que às vezes a Jane fica, a minha esposa se perde pra encontrar ela... E elas saem mais cedo do colégio, entendeu? Então ela não gosta de ficar esperando na parada ela pega e vem sozinha, né? Não gosta de ficar parada. Não sei, **até agora não tem problema nenhum não.**

Este exemplo é comumente usado quando se fala na função de retorno a tópico quantitativo por ter uma estrutura bem prototípica dessa função. Em (12), temos a instauração do tópico pelo entrevistador através de uma questão (tem problema de assalto?), que é bem sucedido ao passo que o falante aceita o tópico e começa a respondê-lo fazendo um comentário quantitativo que satisfaça o tópico instaurado pelo entrevistador (“isso tem em tudo que é lugar, né?”). A partir daí, o falante começa a tecer comentários qualitativos em busca de justificar sua opinião, relatando através desses comentários qualitativos a experiência que tem com sua família. Ao longo do relato, o falante percebe que, dentro da sua experiência, ele nunca teve nenhum problema com assalto, então ele usa um enunciado com dupla negação para fazer um novo comentário quantitativo e retornar ao tópico sentencial, para assim responder novamente a pergunta (não sei, até agora não tem problema nenhum, não) e encerrar o tópico de maneira satisfatória.

Esse caso não só é interessante pelo formato prototípico de uma função de retorno a tópico quantitativo, mas também porque a dupla negação nele exerce função dupla: retorno a tópico quantitativo e denegação. No caso de sua função denegativa, o falante está denegando um conteúdo explícito a partir da consideração de enunciados anteriores proferidos por ele mesmo, como explicado no capítulo anterior.

No entanto, muitas vezes podemos ter o enunciado com dupla negação exercendo a função de retorno a tópico quantitativo no meio do turno, continuando o tópico discursivo em seguida. O exemplo a seguir foi extraído de uma entrevista sociolinguística de Curitiba:

(13) F: Ai! Coisa de fresco. Isso mesmo. Eu não tenho. Eu entro em qualquer lugar. Se for preciso eu entrar falar com um doutor, eu entro e falo com o doutor. Se for preciso eu entrar numa repartição, sabe? Cada repartição, cada coisa eu sei entrar, eu sei sair, sabe? **Eu não tenho esse negócio de vergonha comigo não**. Se for preciso eu conversar com um mendiguinho, eu converso com aquele mendiguinho do jeito dele, sabe? Converso com ele, me ponho ali no lugar dele, faço tudo do jeitinho que ele gosta, assim de conversar. Se tiver que conversar com uma pessoa mais ou menos, eu converso com aquela pessoa do tipo que aquela pessoa- eu sei que aquela pessoa vai me entender, entendeu? Se for pra mim conversar com aquela gente mais acima um pouquinho do que eu, eu sei entrar e sair direitinho, minha filha, isso eu tenho que ter absoluta certeza, né? Mas a gente tem que ser assim.

Em (13), o tópico sobre o qual o falante faz seus comentários está relacionado ao falante ter vergonha de se mostrar em público. Em uma das primeiras sentenças, que se encontra sublinhada, o falante já apresenta sua resposta, um comentário quantitativo considerado satisfatório. Em seguida, o falante passa a apresentar comentários qualitativos com o objetivo de justificar sua opinião expressada inicialmente. A sentença em negrito com a dupla negação promove um retorno ao tópico quantitativo inicial, relacionado a ter vergonha ou não e, em seguida, o falante continua sua resposta fazendo uso de comentários qualitativos para explicar e reforçar sua opinião.

## 2. 2 FUNÇÃO PRAGMÁTICA DE SATISFAÇÃO IMEDIATA DE TÓPICO QUANTITATIVO

Apesar de ainda não haver literatura que descreva objetivamente esta função pragmática, a função de satisfação imediata de tópico quantitativo também deriva dos conceitos de tópico-comentário de Kuppevelt (1995b), além de ter uma relação próxima com a função de retorno a tópico quantitativo. Isso se deve ao fato de ambas as funções tratarem do conceito de tópico quantitativo no uso da dupla negação, ainda que suas funções sejam consideravelmente diferentes. A função de satisfação imediata de tópico quantitativo, diferentemente da função de retorno a tópico quantitativo, ocorre quando a informação satisfaz o tópico assim que ele se estabelece no discurso.

Como vimos anteriormente, o conceito de tópico quantitativo é muito relevante para o estudo da dupla negação na região sul do Brasil, pois parece que, nos casos analisados até o

momento envolvendo a teoria de tópico-comentário de Kuppevelt, a dupla negação serve na maior parte dos casos para apresentar um comentário quantitativo considerado satisfatório, que poderia encerrar o tópico. Na seção anterior, em que a função de retorno a tópico quantitativo de Goldnadel (2016) é apresentada, foi mostrado que, por mais que haja a intenção de retorno através de um novo comentário quantitativo satisfatório, nem sempre o tópico será finalizado ali. Algumas vezes, como em (13), temos casos em que os comentários qualitativos continuam, e que podem ou não vir a exercer uma função dupla de comentário e *feeder* para encerrar um tópico sentencial e iniciar outro. No caso da função de satisfação imediata de tópico quantitativo não teria porque ser diferente.

No trecho a seguir, extraído de uma entrevista da cidade de Florianópolis, Santa Catarina, temos um exemplo claro do uso da dupla negação para desempenhar a função de satisfação imediata de tópico discursivo:

(14) E: E tu pescas?

F: Olha, **eu não sou muito de pescaria, não**. Minha pescaria é só siri. Que é bem perto, também, onde moro, perto da praia, aqui.

Em (14), temos um tópico sendo introduzido pelo entrevistador com a questão se o falante pesca ou não. O falante prontamente responde usando uma dupla negação para expressar a satisfação imediata de tópico quantitativo, ou seja, para fazer um comentário quantitativo satisfatório ao tópico introduzido por seu interlocutor. Em seguida, o falante faz mais alguns comentários qualitativos, com a função de expressar a causa da sua opinião sobre o tópico e o comentário quantitativo.

### 3 METODOLOGIA

O corpus utilizado para análise nessa monografia é parte do projeto VARSUL. O VARSUL (Variação Linguística na Região Sul do Brasil) é um projeto que foi desenvolvido pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Universidade Federal de Santa Catarina e Universidade Federal do Paraná no início dos anos oitenta, com o objetivo de produzir material descritivo sobre a variação do PB no sul do Brasil. No âmbito do VARSUL, foram realizadas entrevistas sociolinguísticas nas capitais e em cidades do interior dos três estados da região sul. A coleta foi realizada entre os anos 1988 e 1996 e hoje essas entrevistas são utilizadas em diversas áreas da Linguística.

O VARSUL tem como propósito oferecer: (i) subsídios para a descrição do português falado e escrito no Brasil; (ii) condições para teste e desenvolvimento de teorias linguísticas; (iii) condições para formação de novos pesquisadores; (iv) subsídios para programas educacionais, promovendo o conhecimento e o respeito às variedades linguísticas. (<http://www.varsul.org.br/> acesso em 03/07/2017)

A decisão de utilizar o corpus do VARSUL para a análise das duplas negações não foi feita de forma aleatória. A intenção era justamente fazer uma análise de dados mais antigos, quando a dupla negação estava a recém começando a surgir nessa região. A razão para a escolha é que como a NEG 2 estava apenas começando a ser usada nessa região, os falantes ainda não a tinham tornado popular ao ponto de perder a carga pragmática que ela acarreta. Assim, por hipótese, todos os casos encontrados teriam uma função pragmática específica para seu uso (GOLDNADEL, 2016).

Os dados foram coletados dessas entrevistas para serem analisados e tentar identificar as funções pragmáticas existentes em enunciados de dupla negação nessa região.

A seleção dos participantes foi feita levando em consideração espaço geográfico (Porto Alegre, RS), idade (mais ou menos de 50 anos), nível de escolaridade (primário, ginásio e segundo grau), e gênero (feminino e masculino). Através da combinação de todos esses fatores, selecionamos 12 entrevistas no total, uma para cada combinação. A preferência pela cidade de Porto Alegre se deu para que possamos assim concluir as análises de enunciados de dupla negação nas capitais do sul do Brasil, considerando que anterior a este trabalho foi primeiro feita a análise de Curitiba, e em seguida a análise de Florianópolis<sup>3</sup>.

---

<sup>3</sup> A análise de Curitiba já conta com um artigo pronto no prelo (GOLDNADEL; PETRY, no prelo), e a análise de Florianópolis resultou em outro artigo que ainda está sendo redigido (GOLDNADEL et al, em preparação).

Além disso, só foram selecionadas entrevistas com falantes que tenham morado a vida inteira na região sul, já que falantes que moraram ou têm muito contato com outras regiões podem ter seu discurso afetado.

Todos os casos de dupla negação encontrados foram identificados em seus respectivos contextos e classificados conforme as funções pragmáticas apresentadas nos capítulos anteriores.

#### 4 ANÁLISE DOS RESULTADOS

Neste capítulo são apresentadas as análises das doze entrevistas e os resultados obtidos através da identificação de cada função para cada caso. Além disso, são mostrados, nas seções seguintes, alguns exemplos das funções pragmáticas identificadas nos enunciados de dupla negação e a análise descrita de cada um dos casos.

Todos os casos contendo dupla negação das 12 entrevistas previamente selecionadas seguindo os parâmetros mencionados no capítulo anterior foram coletados e analisados de acordo com as funções pragmáticas consideradas para este estudo, que foram apresentadas nos capítulos anteriores. São estas:

1. Ativação;
2. Denegação;
3. Retorno a tópico quantitativo;
4. Satisfação imediata de tópico quantitativo; e
5. Pausa temática.

No total, foram encontrados vinte e quatro casos de dupla negação na cidade de Porto Alegre. No entanto, dois destes vinte e quatro casos foram desconsiderados por não se encaixarem na análise<sup>4</sup>.

Após a análise de cada caso ser realizada, foi encontrado apenas um caso que não se encaixa na hipótese de ativação de Schwenter (2005). Além disso, foram identificados dez casos de denegação, oito casos de retorno a tópico quantitativo, dois casos com função dupla de denegação e retorno a tópico quantitativo, um caso de pausa temática e um caso de satisfação imediata de tópico quantitativo, como podemos ver descrito em porcentagens no gráfico abaixo:

---

<sup>4</sup> Um dos casos não se encaixou por ter sido proferido pelo entrevistador, o que poderia destoar da metodologia escolhida para essa pesquisa, já que não é possível saber se o entrevistador realmente nasceu e cresceu em Porto Alegre, RS. O outro caso foi desconsiderado por se tratar de um caso de imitação, ou seja, o falante usou a dupla negação de forma proposital para imitar a forma como supostamente os falantes da região do nordeste do Brasil falam.



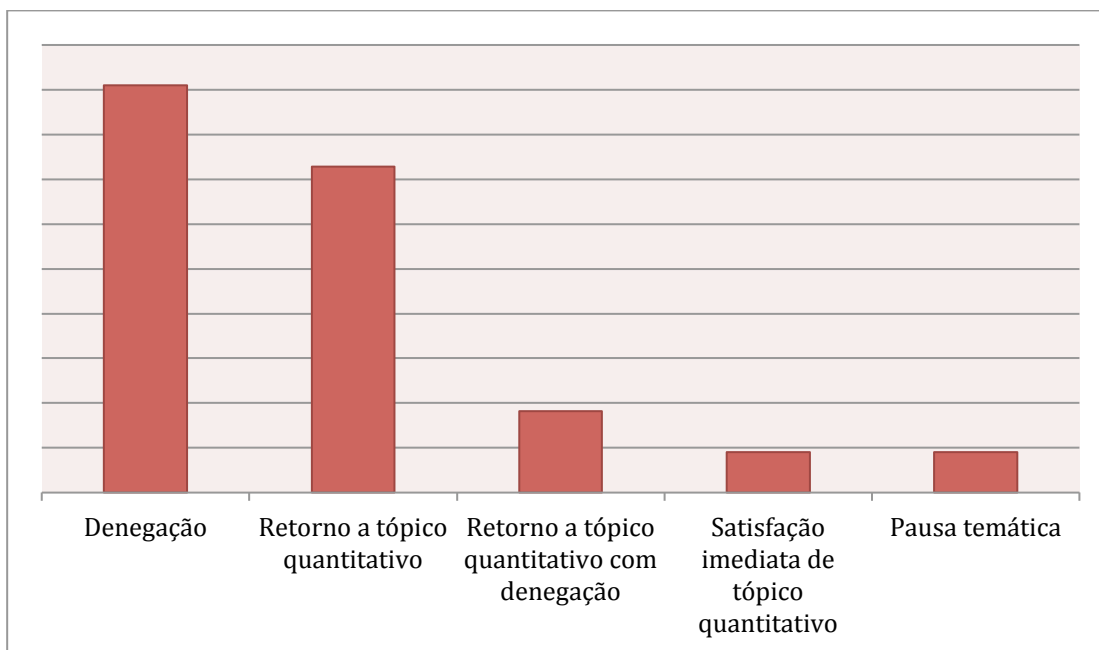


Gráfico 1: Porcentagens das funções pragmáticas identificadas entre 22 casos de dupla negação

Através do gráfico é possível ver a predominância de enunciados com dupla negação exercendo as funções de denegação, especialmente, mas também, muito frequentemente, a função de retorno a tópico quantitativo.

#### 4. 1 DENEGAÇÃO EM ENUNCIADOS DE DUPLA NEGAÇÃO

Como anteriormente mencionado, há quatro tipos de denegação:

1. Denegação de conteúdo explícito em um enunciado anterior proferido pelo interlocutor;
2. Denegação de conteúdo implícito em um enunciado anterior proferido pelo interlocutor;
3. Denegação de conteúdo explícito a partir da consideração de enunciados anteriores proferidos pelo próprio falante; e
4. Denegação de conteúdo implícito a partir da consideração de enunciados anteriores proferidos pelo próprio falante.

Nos dados de Porto Alegre, no entanto, apenas um dos tipos de denegação foi encontrado: denegação de conteúdo implícito proferido pelo próprio falante. A análise detalhada de dois casos desse tipo de denegação encontram-se a seguir:

(15) E: E, voltando à malária, quais são os sintomas da malária, além dessa fraqueza que a pessoa tem pela falta do apetite, quais são os outros sintomas?

F: Bem, tem sintomas diferentes de uma pessoa pra outra. No meu caso foi falta de apetite, né? E febre, dor de cabeça, dá uma febre muito alta. É, tem gente que vomita. Não, **não foi o meu caso, não**, nunca vomitei, mas tem gente que não para nada no estômago, e então os sintomas são bem diferentes. (...)

Em (15), temos o enunciado com dupla negação exercendo a função pragmática de denegação em negrito e o enunciado com o conteúdo implícito a ser denegado sublinhado. Nesse caso, o falante está descrevendo os sintomas da malária, como questionado pelo entrevistador. Ao listar os sintomas, o falante menciona que “tem gente que vomita”. Em seguida, o falante usa a dupla negação para denegar a ideia de que talvez ele também tenha vomitado quando teve malária, pois pode ser que ele tenha pensado que, ao dizer que “tem gente que vomita”, o interlocutor poderia entender que o falante estava se incluindo a esse grupo de pessoas ou afirmando que vomitar é um sintoma que todos que pegam malária têm. Assim, para impedir que seu interlocutor faça alguma dessas interpretações, o falante denega o conteúdo implícito dessa frase através do uso de um enunciado com dupla negação.

No próximo exemplo, como anteriormente mencionado, temos novamente a denegação de conteúdo implícito proferido pelo próprio falante:

(16) E: Vocês nunca saem de Porto Alegre (inint) –

F: É muito raro. Sabe a Maria tem conhecidas que ela trabalhou no restaurante. Como é mesmo o restaurante, como é? **Não adianta, não.** Me esqueci agora. (...)

Em (16), diferentemente de (15), apesar de haver conteúdo implícito que está sendo denegado, este apenas tangencia o enunciado anterior proferido pelo falante. O que acontece é que, ao proferir “Como é mesmo o nome do restaurante, como é?”, o falante está tentando lembrar-se do nome do restaurante onde Maria trabalha. A partir disso, é possível inferir que, se o falante está tentando lembrar o nome do restaurante é porque “adianta” tentar lembrá-lo, já que o falante acredita na possibilidade de consegui-lo fazer. Por isso, ao usar a dupla negação, ele está denegando sua crença de que adianta tentar lembrar o nome do restaurante pois dá-se por conta de que, na verdade, é inútil, pois ele não conseguirá.

#### 4. 2 RETORNO A TÓPICO QUANTITATIVO EM ENUNCIADOS DE DUPLA NEGAÇÃO

Enunciados com a função de retorno a tópico quantitativo podem ser afirmativos ou negativos. A observação de ocorrências de dupla negação nas entrevistas do VARSUL de Porto Alegre mostra que a função de retorno a tópico quantitativo pode ser verificada em grande parte dos enunciados em que a dupla negação ocorre. Em alguns casos, o retorno aparece no final do discurso, após uma série de justificativas ao comentário quantitativo inicial, como pode ser observado em (17).

(17) E: O senhor costuma frequentar a igreja?

F: Não te- Eu ia. Inclusive eu comungava todos domingos, tempo do colégio São Pedro, né? Colégio dos Irmãos Maristas, mas agora depois do – depois passou, aí vez em quando eu vou, né? Não é certo, **não tenho o hábito de ir todos domingos, não.** Não.

Em (17), temos a dupla negação com função de retorno a tópico quantitativo destacada em negrito e o comentário quantitativo inicial sublinhado. Nesse exemplo, o entrevistador pergunta se o falante costuma frequentar a igreja, e o falante responde com um comentário quantitativo considerado insatisfatório ao tópico instituído pelo entrevistador. Este comentário é considerado insatisfatório porque a resposta é discrepante, ou seja, ela apenas tangencia o tópico que fora instituído. Quando o entrevistador pergunta se o falante costuma frequentar a igreja, ele institui o tópico de frequentar a igreja no presente, esperando um comentário quantitativo que satisfaça sua pergunta. No entanto, quando o falante responde que costumava frequentar a igreja no passado, por mais que ele esteja fazendo um comentário quantitativo, este comentário é considerado insatisfatório por não se adequar ao momento ao qual o tópico está se referindo, que é o presente. Dessa forma, como o falante também está ciente que seu comentário é insatisfatório, ele passa a tecer comentários qualitativos para justificar sua resposta discrepante e, ao final, fazer um comentário quantitativo relevante ao tópico e que o satisfaz, através da dupla negação.

Vejamos, agora, outro caso de dupla negação exercendo a função de retorno a tópico quantitativo, mas dessa vez no meio de um turno.

(18) E: Me diz, foi fácil encontrar colégio pras crianças aqui? Pro menino, né?

F: Foi. Eu tive que fazer – como ele já fez o pré o ano passado, então ele já tinha uma vaga mais ou menos garantida, né? No Leopoldina. E aí ele já está ali, já fez matrícula, já vai começar daqui a pouco. **Não foi difícil, não**. Meu outro agora vai entrar no pré ali, o ano que vem ele já entra no primeiro ano, também.

Em (18), temos o tópico introduzido através da questão “foi fácil encontrar colégio pras crianças aqui?”. A resposta inicial do falante já satisfaz imediatamente o tópico, pois é claramente um comentário quantitativo (“Foi.”). Ainda assim, o falante escolhe fazer comentários qualitativos para justificar sua opinião de ter sido fácil encontrar colégio para as crianças, em seguida proferindo um novo comentário quantitativo usando a dupla negação para retificar seu comentário anterior e retornar ao tópico sentencial, finalizando-o. Após o retorno, o falante faz mais um comentário que começa um novo tópico sentencial.

(19) E: E o Olívio aqui, o que que a senhora acha?

F: Ai, péssimo! (risos f) Nem fala, péssimo. A gente dizia que o Negrão era ruim, mas esse é pior, né?

E: Porque que a senhora acha ele tão ruim assim?

F: Ele não faz nada! (risos f). Ele não faz nada por ninguém, só que se vê no radio, os repórteres tudo, né? Eu escuto muito e vejo que ele não faz nada. Reclamação dele de tudo que é lado. Eu acho ele péssimo. PT não ganha mais. (risos f). Acho que nem o PMDB, né?

E: É. (risos e). Quem vai sobrar?

F: É. Vai sobrar eu acho. Mas PT, eu acho que se candidata *não ganha mais não*. De maneira nenhuma. Só se o povo gosta de sofrer. Eu, como não gosto, nem votei nele, também.

E: E assim no bairro, assim, vocês chegaram a pedir alguma coisa pra Prefeitura e –

F: Mas a mãe da Rose mesmo, Dona Judite vive pedindo, essa Sociedade que eles têm aí também, *mas não faz nada, não*. Não pode, não tem dinheiro. O que ele fez com os ônibus! De sete passou pra quatorze de repente assim. Foi ele, né?

E: Foi ele e o aumento da gasolina também, né?

F: É, mas tanto assim, de sete passou (inint) cem por cento, né? Já tinha subido, né? Era de cento e pouco foi pra sete, depois de repente foi pra quatorze, e ele disse que

não ia subir, pegou as empresas e tomou conta e piorou as linhas. **Eu não gosto dele, não.**<sup>5</sup>

Em (19), temos um bom exemplo da diferença entre um tópico discursivo e um tópico sentencial. O tópico discursivo introduzido pelo entrevistador nesse caso é o que o falante acha do Olívio, então prefeito da cidade de Porto Alegre. Prontamente, o falante responde com um comentário quantitativo, afirmando que o acha péssimo. No entanto, aparentemente a resposta é considerada insuficiente pelo interlocutor, que quer que o falante discorra sobre o assunto. A partir daí, o falante e o interlocutor entram em uma série de tópicos sentenciais, com o falante satisfazendo com um comentário quantitativo o tópico sentencial que fora introduzido por último. Ao final do trecho, após fazer alguns comentários qualitativos para justificar sua opinião sobre os ônibus, o falante profere um enunciado com dupla negação, que é usado para retornar ao tópico de ordem mais alta. É importante notar que, ao longo do diálogo, houve diversas mudanças de tópicos sentenciais, mas o tópico discursivo manteve-se o mesmo.

#### 4.3 FUNÇÃO DUPLA DE DENEGAÇÃO E RETORNO A TÓPICO QUANTITATIVO EM ENUNCIADOS DE DUPLA NEGAÇÃO

Uma função dupla é algo relativamente inesperado na análise dos dados de dupla negação, mas pode ocorrer, como vimos no exemplo claro de retorno a tópico quantitativo no capítulo dois. Nos dados analisados de Porto Alegre para essa monografia, dois casos foram considerados com função dupla.

(20) E: E esportes, tu gosta de esportes?

F: Agora esse ano tem a Copa do Mundo. Eu gosto muito de futebol, mas só futebol de Copa. E os outros eu não me interesso muito. Meu marido que gosta de futebol, às vezes ele vai no domingo no campo, ele é colorado.

E: Ah! Colorado.

F: É. Ele vai lá torcer, agora anda meio triste nos últimos anos porque só dá Grêmio.

E: (risos e) Coitadinho, né?

---

<sup>5</sup> Outros dois casos de dupla negação foram identificados nesse mesmo trecho e encontram-se marcados em itálico. Os dois foram analisados como denegação, mas não farei uma análise descritiva deles neste trabalho.

F: Mas ele gosta. É, e às vezes eu vejo o jogo na TV com ele, mas **não gosto muito não.**

Em (20), o entrevistador estabelece um tópico: se o falante gosta ou não de esportes. No início da resposta, o falante faz um comentário dizendo que vai ter copa do mundo naquele ano. A princípio o comentário parece um tanto discrepante quando diretamente relacionado ao tópico, mas ao vermos o comentário quantitativo que vem a seguir, que diz que gosta de futebol, mas só futebol de Copa, entendemos que o primeiro comentário era de ordem qualitativa, para explicar seu comentário quantitativo. Em seguida, o falante faz mais um comentário quantitativo que parece servir ao propósito de satisfazer definitivamente o tópico, já que o tópico (gostar de futebol) era mais abrangente e a resposta inicial não é suficientemente satisfatória porque é mais específica. No entanto, aproveitando o “gancho” do tópico, o falante parece introduzir um novo tópico sentencial, falando do marido que gosta de futebol. A partir daí, o entrevistador aceita a introdução desse tópico e passa a fazer comentários, também. Um pouco depois na interação, o falante faz um comentário qualitativo sobre assistir os jogos com o marido, o que novamente serve de “gancho” para retomar o tópico anterior, fazendo um comentário quantitativo que volta a responder o tópico hierarquicamente mais alto.

No entanto, essa não é a única função que a dupla negação exerce. Na primeira resposta, o falante havia falado que só gostava de futebol de Copa. Porém, depois ele afirma que assiste aos jogos com o marido na TV. Dessa forma, a dupla negação nesse caso também exerce a função de denegar conteúdo implícito a partir da consideração de comentários anteriores proferidos pelo próprio falante. Isso ocorre porque o falante pode ter pensado que, por mais que já tenha dito que não gosta de outros tipos de futebol, como ele disse que assistia aos jogos na televisão, o interlocutor poderia acreditar que o falante falou aquilo porque mudou de ideia quanto a sua resposta inicial. Por isso, o falante recorre ao uso da denegação através de um enunciado com dupla negação para prevenir que o interlocutor pense que ele mudou de ideia.

#### 4. 4 PAUSA TEMÁTICA EM ENUNCIADOS DE DUPLA NEGAÇÃO

Ainda que, de acordo com Furtado da Cunha (2001), a função pragmática de Pausa Temática pareça ser frequentemente usada em enunciados de dupla negação no nordeste do

Brasil, mais especificamente em Natal, Rio Grande do Norte, nos dados do VARSUL de Porto Alegre apenas um caso foi identificado.

(21) E: Escuta, e o Brasil como é que a senhora acha que está este país?

F: Ai! Será que dá pra ter esperanças, hein? (risos f) Ai! A gente leva uma esperança, mas esse mês já não veio o nosso aumento, né? Nós temos a inflação, já. Comeram os oitenta e dois, né? Não sei, eu levo medo, sabe?

E: Eu também.

F: Tu também? Dá pra levar medo, né? **Eu estou achando é que ele não vai aguentar a ponta, não.** Os grandes lá vão botar ele na prensa, eu acho. Leva medo porque a gente já sofreu tanto com essa inflação, né?

Em (21), o entrevistador começa uma discussão sobre como está o país. O falante aceita o tópico e começa a mencionar o que vem acontecendo, comentando que está com medo da situação atual, ao que o entrevistador concorda. Em seguida, o falante reafirma a questão do medo, e então usa a dupla negação para realizar uma pausa temática no tópico que estava sendo abordado para falar (provavelmente) sobre o presidente não se manter no cargo. Após mais um comentário inserido na pausa temática, o falante retorna ao tópico anterior, como mostra o trecho sublinhado.

No entanto, é importante ressaltar que esse é um caso de difícil identificação. Isso se deve ao fato de não ser possível saber em qual contexto extralinguístico ele está inserido. Por esse motivo, pode haver divergências em relação à função pragmática sendo veiculada por este enunciado.

#### 4. 5 SATISFAÇÃO IMEDIATA DE TÓPICO QUANTITATIVO EM ENUNCIADOS DE DUPLA NEGAÇÃO

A satisfação imediata de tópico quantitativo teve apenas uma ocorrência nos dados analisados de Porto Alegre e, dependendo do tipo de interpretação a ser feita, a identificação da função pragmática deste caso pode causar divergências:

(22) F: (...) Por exemplo, há pouco tempo eu fui na telefônica saber se estavam vendendo telefones. Então entrei na parte de baixo, onde tinham umas doze ou quatorze pessoas e encontrei um conhecido. Aí fui falar com ele: “Escuta, estão

vendendo telefone?” “Não, **não estamos, não**, agora não, vai ser vendido só daqui um mês.” (...)

Em (22), o falante está narrando um caso que lhe ocorreu quando ele foi tentar comprar um telefone. Apesar da narrativa, temos falas diretas que constituem tópico sentencial e comentário quantitativo. Na primeira fala direta, que o falante narra ser dele mesmo, ele institui um tópico sentencial que é a questão se estão vendendo telefones naquele estabelecimento. Na segunda fala direta, que o falante narra ser de um conhecido seu, ele responde a questão com um enunciado de dupla negação que exerce a função de satisfação imediata de tópico quantitativo, ou seja, usa a dupla negação para fazer um comentário quantitativo satisfatório ao tópico sentencial. Em seguida, a pessoa que emite o comentário quantitativo poderia ter encerrado o tópico, no entanto, antecipando questões implícitas que poderiam vir a ser levantadas, ele escolhe respondê-las sem que elas sejam explicitadas.

Há um elemento neste exemplo que pode causar uma interpretação diferente da função pragmática aqui empregada, que é o “não” inicial da segunda fala direta. Devido a esse elemento tratar-se de um comentário quantitativo insatisfatório por ser considerado insuficiente, poderia se argumentar que esse caso trata-se de um enunciado de dupla negação empregando a função de retorno a tópico quantitativo. No entanto, a partir da identificação da função de retorno a tópico quantitativo em casos anteriores, é possível observar que uma das características da função de retorno a tópico quantitativo é a de haver comentários qualitativos entre o comentário quantitativo inicial e o comentário quantitativo com dupla negação que exerce o papel do retorno. Como este não é o caso nessa fala, a análise de satisfação imediata de comentário quantitativo será mantida.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo desta monografia foi verificar se alguma das hipóteses já existentes sobre motivação pragmática para o uso de dupla negação explica os usos dessa estrutura encontrados em entrevistas sociolinguísticas realizadas na cidade de Porto Alegre, Rio Grande do Sul, no sul do Brasil pelo Projeto VARSUL nos anos noventa.

Os dados analisados mostram que existem duas funções pragmáticas predominantes expressadas por essa estrutura em Porto Alegre: denegação e retorno a tópico quantitativo. Além disso, foi possível identificar que essas duas funções também podem ser expressadas em um mesmo enunciado.

O caso de pausa temática é complicado de ser analisado por não se saber o contexto extralinguístico no qual ele está inserido, podendo causar divergências na identificação da função pragmática por ele veiculada. De toda forma, a análise feita deste caso também parece mostrar que nem todo enunciado com dupla negação está necessariamente ativado no discurso, servindo como contraexemplo para a teoria de ativação de Schwenter (2005).

Ainda, foi possível identificar uma outra função pragmática que se encaixa na teoria de tópico-comentário de Kuppevelt (1995), a de satisfação imediata de tópico quantitativo. Essa função se trata do uso da dupla negação para realizar um comentário quantitativo imediato ao tópico instituído considerado satisfatório, e ainda não há literatura publicada a seu respeito.<sup>6</sup> Apesar de poder haver divergências quanto à análise deste caso, mantém-se a decisão de tomá-lo por uma função diferente da função de retorno. Talvez este caso possa servir de motivação para uma melhor definição das barreiras entre essas duas funções, ou mesmo para a identificação de uma nova função também relacionada à teoria de tópico-comentário de Kuppevelt (1995).

Através dos resultados obtidos nessa monografia, espera-se concluir as análises dos casos de dupla negação realizadas nas capitais da região Sul na década de noventa, além de contribuir para o entendimento da variação da negação sentencial nessa região, estimulando, na melhor das hipóteses, mais pesquisas relacionadas ao tema.

---

<sup>6</sup> No artigo que está sendo redigido sobre as funções pragmáticas identificadas em enunciados de dupla negação na cidade de Florianópolis, Santa Catarina, a função de satisfação imediata de tópico quantitativo é explicada e definida.

## REFERÊNCIAS

- BIBERAUER, T. Competing reinforcements: when languages opt out of Jespersen's Cycle. In: VAN KEMENADE, A.; DE HAAS, N. *Historical linguistics: selected papers from the 19th International Conference on Historical Linguistics*, Amsterdam: John Benjamin, 2009, p. 03-30.
- FURTADO DA CUNHA, M. A. O modelo das motivações competidoras no domínio funcional da negação. *D.E.L.T.A.*, v. 17, 2001, p. 1-30.
- FURTADO DA CUNHA, M. A. Grammaticalization of the strategies of negation in Brazilian Portuguese. *Journal of Pragmatics*, v. 39, 2007, p. 1638-1653.
- GIVÓN, T (editor). *Topic Continuity in Discourse: A Quantitative Cross-Language Study*. Amsterdam: John Benjamins, 1983.
- GIVÓN, T. *Functional English Grammar*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.
- GOLDNADEL, M.; LIMA, L. S.; BREUNIG, G.; ESQUIVEL, N. A.; LUZ, J. P. Estratégias alternativas de negação sentencial na Região Sul do Brasil: análise da influência de fatores pragmáticos a partir de dados do Projeto VARSUL. *Revista de Estudos da Linguagem*, v. 21, 2013, p. 35-74.
- GOLDNADEL, M. Funções pragmáticas de enunciados de dupla negação: análise de dados de Curitiba (PR). *ReVEL*, edição especial n. 13, 2016. [www.revel.inf.br].
- JESPERSEN, O. Negation in English and other languages. In: JESPERSEN, O. *Selected writings of Otto Jespersen*. Abingdon: Routledge, 2010. p. 02-80.
- KAMP, H.; REYLE, U. *From Discourse to Logic: Introduction to Modeltheoretic Semantics of Natural Language, Formal Logic and Discourse Representation Theory (Studies in Linguistics and Philosophy)*. Springer, 1993.
- LARRIVÉE, P. The pragmatic motifs of the Jespersen cycle: Default, activation, and the history of negation in French. *Elsevier*. 2010.
- LIMA, L. S. *A negação sentencial: uma análise pragmática*. Porto Alegre, 2010.

[<http://hdl.handle.net/10183/26330>].

RONCARATI, C. A negação no português falado. In: MACEDO, A. T.; RONCARATI, C.; MOLLICA, M. C. *Variação e discurso*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996. p. 97-112.

SCHWEGLER, A. Predicate negation in contemporary Brazilian Portuguese: a change in progress. *Orbis*, Leuven, v. 34, 1991, p. 187-214.

SCHWENTER, S. A. The pragmatics of negation in Brazilian Portuguese. *Lingua*, Amsterdam, v. 115, 2005, p. 1427-1456.

SCHWENTER, S. A. Fine-Tuning Jespersen's Cycle. In: BIRNER, B.; WARD, G. *Drawing the Boundaries of Meaning: Neo-Gricean Studies in Pragmatics and Semantics in Honor of Laurence R. Horn*. Amsterdam: Benjamins, 2006. p. 327-344.

SEIXAS, V. C.; ALKMIN, M. G. R. de. A negação sentencial em textos de autores brasileiros dos séculos XVIII e XIX: considerações sobre implementação, transição e origem da estrutura [NãoVNão]. *Veredas*, v. 17, n<sup>o</sup> 2, 2013, p. 83-113.

VAN KUPPEVELT, J. Discourse structure, topicality and questioning. *Journal of Linguistics*, v. 31, no 1, 1995a, p. 109-147.

VAN KUPPEVELT, J. Main structure and side structure in discourse. *Linguistics*, v. 33, n. 4, 1995b, p. 809-833.

VAN KUPPEVELT, J. Directionality in Discourse: Prominence Differences in Subordination Relations<sup>1</sup>. *Journal of semantics*, v. 13, n. 4, 1996, p. 363-395.